

Laboratório de Psicologia, (2)1: 103-111 (2004)
© 2004, I.S.P.A.

Estudo exploratório das qualidades psicométricas da escala de competências sociais (EHS)

Rui Bártolo Ribeiro

Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa / Centro de Psicologia da Força Aérea

Rui Almeida

Rute Almeida

David Rodrigues

Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa

Resumo

Diferentes pessoas manifestam diferentes graus de competências no modo como gerem as suas relações como os outros. Estudos no âmbito da inteligência emocional (Mayer, Caruso, & Salovey, 2000) têm trazido à evidência que pessoas com elevado potencial cognitivo do ponto de vista psicométrico não têm a mesma eficiência quando se relacionam com outros quer no seu contexto de trabalho, quer no seu círculo familiar ou social mais próximo.

Neste sentido, tem-se verificado um interesse crescente em estudar as competências sociais. Para González (2000), elas correspondem a um conjunto de dimensões capazes de serem desenvolvidas e que o indivíduo põe em jogo numa situação interpessoal. Ainda segundo esta autora, as dimensões envolvidas nesta competência tenderão a manifestar-se em função da especificidade das situações, que por sua vez compreenderão variáveis pessoais, factores ambientais e interacção entre ambos.

Consequentemente, tem surgido a necessidade da avaliação e desenvolvimento deste tipo de competências. Este estudo refere-se à tradução e adaptação da escala de competências sociais, “Escala de Habilidades Sociais”, desenvolvida por González (2000), utilizando para tal uma amostra de estudantes universitários.

Palavras-chave: EHS, Medida de competências sociais, Qualidades psicométricas.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Rui Bártolo Ribeiro, Instituto de Psicologia Aplicada, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa; E-mail: rbartolo@ispa.pt

Introdução

O interesse pelas competências sociais tem-se manifestado há décadas. Este interesse não é de estranhar, na medida em que grande parte da nossa vida é passada em interacção com outras pessoas. Por outro lado, as nossas competências sociais são continuamente postas à prova sempre que estamos face a sistemas diferentes, nos quais as regras variam e os papéis não se encontram claramente definidos e temos de nos adaptar a eles eficazmente.

É frequente que muitos de nós tenhamos dificuldades, por exemplo, em defender os nossos direitos, expressar os nossos sentimentos, manifestar a nossa opinião em público, discordar de forma assertiva do ponto de vista de outras pessoas, iniciar uma relação que nos interessa ou pelo contrário terminar uma que não nos interessa. No entanto, somente há muito pouco tempo é que se tem vindo a enfatizar a aquisição de competências sociais nas relações interpessoais (González, 2000) e consequentemente a avaliá-las (e.g., Wolpe-Lazarus Assertiveness Inventory, Rathus Assertiveness Schedule, College Self-Expression Scale, Gambrill Assertion Inventory).

A abordagem clínica tem demonstrado que inúmeras perturbações psicológicas, incluindo estados de abuso e dependência de substâncias, têm origem em deficits nas competências sociais e que os sujeitos que desenvolvem essas competências através do treino tendem a apresentar melhorias significativas face às referidas perturbações (Zigler & Phillips, 1960, 1961, 1962; Phillips & Zigler, 1961, 1964; Gaffney, Thorpe, Young, Collett, & Occhipinti, 1998).

O estudo sistemático das competências sociais ganha relevância na década de 70, em que começam a aparecer diversas publicações sobre a conduta assertiva e programas de treino para diminuir os deficits neste tipo de competências sociais. Também nesta altura começaram a surgir os primeiros questionários para medir a conduta assertiva (Rathus, 1973, cit. por González, 2000; Galassi, Delo, Galassi, & Bastien, 1974; Gambrill & Richey, 1975, cit. por González, 2000).

As competências sociais podem ser definidas como o conjunto de respostas verbais e não-verbais, parcialmente independentes e situacionalmente específicas, através das quais um indivíduo expressa, num contexto interpessoal, as suas necessidades, sentimentos, preferências, opiniões ou direitos, sem ansiedade e de maneira não aversiva, maximizando a probabilidade de conseguir reforço externo. Com base na revisão de literatura, podemos considerar as competências sociais e a conduta assertiva como termos equivalentes (Gizmero, 1996, cit. por González, 2000)

A conduta assertiva é um conjunto de competências apreendidas que um indivíduo põe em jogo numa situação interpessoal. São competências específicas que se manifestam, ou não, numa dada situação, em função de variáveis personalísticas, factores ambientais e da interacção entre ambos.

Uma conceptualização adequada da conduta assertiva implica a especificação de três componentes: comportamental, cognitiva e situacional. Em relação à primeira dimensão, Lazarus (1973, cit. por González, 2000) propôs a divisão do comportamento assertivo em quatro padrões de resposta específicos: (a) capacidade para dizer não; (b) capacidade para pedir favores ou fazer pedidos; (c) capacidade para expressar sentimentos positivos e negativos; e (d) capacidade para iniciar, manter e terminar conversas. Em relação à componente cognitiva, inclui-se a forma individual de percepção de cada situação, as suas expectativas, os seus valores, as suas auto-verbalizações, etc...

Podemos afirmar que são todas as variáveis cognitivas que o sujeito aprende no decurso da sua história pessoal e que o tornam num indivíduo único, sobre o qual o ambiente influi de maneira específica. Por fim, a componente situacional, faz referência aos tipos distintos de situações que podem afectar o comportamento assertivo de um indivíduo. As pessoas não agem da mesma forma perante amigos, familiares, colegas de trabalho, autoridades, pessoas desconhecidas, pessoas do mesmo sexo

ou do sexo oposto; por outro lado também agem diferentemente em situações ambíguas ou muito estruturadas, situações novas ou familiares, etc.

Considerar todas estas situações seria praticamente impossível, pelo que deve ser considerada conjuntamente com as outras dimensões para poder determinar a adequabilidade de uma resposta dentro de uma cultura.

A *Escala de Habilidades Sociais* (EHS) foi desenvolvida tendo em conta as distintas classes de resposta assertiva (González, 2000). A construção desta prova passou por diversas fases. Foram inicialmente formulados 50 itens, que foram aplicados a cerca de 760 adultos de nacionalidade espanhola, na sua maioria estudantes universitários de psicologia, direito, informática, gestão e ciências da educação e a 1015 adolescentes e crianças. Mais tarde, a escala sofreu algumas alterações e dos 50 itens iniciais mantiveram-se 33, dos quais 28 itens se relacionam negativamente com as competências sociais, ou seja com deficits nestas competências, e os restantes 5 relacionam-se positivamente.

Por considerarmos que a EHS é bastante eficaz na avaliação das competências sociais, a presente investigação teve como objectivo efectuar um primeiro estudo sobre a tradução e adaptação para a língua portuguesa da *Escala de Habilidades Sociais*, originalmente desenvolvida em espanhol por González (2000).

Método

Participantes

Colaboraram na presente investigação 212 estudantes do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 19,70% do género masculino e 80,30% do género feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos de idade ($M=22,22$; $d.p.=4,36$).

Note-se que todos os participantes se distribuíram pelos cinco anos que compõem o curso de psicologia aplicada (20,70% do 1º ano, 36,50% do 2º ano, 29,30% do 3º ano, 9,60% do 4º ano e 3,80% do 5º ano). Importa referir também que cerca de metade dos respondentes referiu ter experiência laboral (55%).

Instrumento

Na sua forma original, o teste é composto por 33 itens que têm como objectivo avaliar as competências sociais de adolescentes e adultos. A resposta a cada um dos itens é feita segundo uma escala de respostas que varia de 1="Não me identifico em absoluto; a maioria das vezes não me ocorre ou não o faria" a 4="Muito de acordo e sentir-me-ia ou actuaria desta forma na maioria dos casos". De acordo com a autora, o EHS permite medir seis componentes das capacidades sociais: (1) auto-expressão em situações sociais; (2) defesa dos próprios direitos como consumidor; (3) expressão de incómodo ou desconforto; (4) dizer não e cortar interações; (5) fazer petições e (6) iniciar interações positivas com o sexo oposto.

Para a tradução foi utilizado o método tradução-retroversão. Uma equipa constituída por três elementos com conhecimentos na língua espanhola e com formação em Psicologia foi encarregue da tradução. A retroversão esteve a cargo de uma pessoa de nacionalidade portuguesa, mas com

residência em Espanha. Com base na retradução comparou-se as frases obtidas com as originais e foram efectuados alguns reajustes de modo a convergirem com o original.

De seguida procedeu-se a um primeiro pré-teste da escala, pediu-se a 66 participantes a sua colaboração para executarem a prova, tendo em atenção eventuais erros, desadequações ou ambiguidades na formulação dos itens. O facto de algumas frases correspondentes a relações interpessoais estarem orientadas para relações exclusivamente heterossexuais (e.g., Item 18 “Se numa festa vejo alguém atraente do sexo oposto, tomo a iniciativa e aproximo-me para iniciar uma conversa com ela”), suscitou a sua modificação (e.g., Item 18 “Se numa festa vejo uma pessoa por quem me sinto atraído(a), tomo a iniciativa e aproximo-me para iniciar uma conversa com ela). Num segundo pré-teste pediu-se a colaboração de 60 pessoas e foi-lhes pedido que preenchessem uma escala relativa competências sociais e que reportassem eventuais dificuldades na compreensão dos itens. Todas as frases foram compreendidas e as críticas feitas foram dirigidas apenas a aspectos de ordem gráfica. Após a reformulação gráfica da escala (Anexo 1), procedeu-se à aplicação final do EHS.

Na Tabela 1 apresentamos os itens que constituem esta escala.

Tabela 1

Itens que constituem a EHS

-
1. Por vezes evito fazer perguntas, com medo de parecer estúpido(a).
 2. Tenho dificuldade em telefonar para lojas, oficinas, etc.
 3. Se ao chegar a casa encontro um defeito em algo que comprei, vou à loja devolver.
 4. Se, numa loja, atendem primeiro uma pessoa que entrou depois de mim, não faço qualquer reclamação.
 5. Se um vendedor insiste em mostrar-me um produto pelo qual não tenho qualquer interesse, custa-me dizer-lhe “Não”.
 6. Às vezes custa-me pedir que me devolvam algo que emprestei.
 7. Se, num restaurante, não me trazem a comida que pedi, chamo o empregado e peço que me tragam o que pedi inicialmente.
 8. Por vezes não sei o que dizer a pessoas por quem me sinto atraído(a).
 9. Muitas vezes, quando tenho de fazer um elogio, não sei o que dizer.
 10. Tenho tendência para guardar as minhas opiniões para mim mesmo(a).
 11. Por vezes evito certas ocasiões sociais, com medo de fazer ou dizer algum disparate.
 12. Se estou no cinema e alguém me incomoda com a sua conversa, custa-me muito pedir-lhe que se cale.
 13. Quando algum amigo expressa uma opinião com a qual estou em desacordo, prefiro calar-me a manifestar abertamente o que penso.
 14. Quando tenho muita pressa e um amigo me telefona, custa-me muito desligar.
 15. Há determinadas coisas que me custa muito fazer, mas se mas pedem, não sei como negar.
 16. Se saio de uma loja e me apercebo que me deram o troco errado, regresso para pedir o troco correcto.
 17. Custa-me fazer elogios a alguém de quem gosto.
 18. Se numa festa vejo uma pessoa por quem me sinto atraído(a), tomo a iniciativa e aproximo-me para iniciar uma conversa com ela.
 19. Custa-me expressar os meus sentimentos a outras pessoas.
 20. Se estivesse à procura de trabalho, preferia escrever cartas a ter de passar por entrevistas pessoais.
 21. Sou incapaz de regatear ou pedir desconto quando compro algo.
 22. Quando um familiar próximo me incomoda, prefiro ocultar os meus sentimentos do que expressar o meu aborrecimento.
 23. Nunca sei como “calar” um amigo que fala muito.
 24. Quando decido que não me apetece voltar a sair com uma pessoa, custa-me muito comunicar-lhe a minha decisão.
 25. Se um amigo que me emprestou uma certa quantidade de dinheiro se esquece, recordo-o do seu empréstimo.
 26. Custa-me muito pedir um favor a um amigo.
 27. Sou incapaz de pedir a alguém uma opinião
 28. Sinto-me perturbado(a) quando uma pessoa me diz que gosta de algo no meu corpo.
 29. Custa-me expressar as minhas opiniões em grupos (sala de aula, reuniões, etc.).
 30. Quando alguém se encosta a mim numa fila, ajo como se não tivesse dado conta.
 31. Custa-me muito demonstrar agressividade ou aborrecimento face a outras pessoas ainda que possa ter motivos para tal.
 32. Muitas vezes prefiro ceder, calar-me ou “meter o rabo entre as pernas”, para evitar problemas com outras pessoas.
 33. Por vezes não sei como negar sair com alguém que não me apetece, mas que insiste várias vezes.
-

Procedimento

Os participantes foram convidados a participar num estudo para o Centro de Avaliação Psicológica, sendo-lhes pedido para preencherem uma escala do âmbito psicossocial. Foi-lhes também pedido para responderem aos itens caracterizadores da amostra, não tendo para tal limite de tempo.

No final, a equipa que procedeu à aplicação disponibilizou-se para responder a qualquer dúvida acerca da escala ou acerca da investigação em curso.

Resultados

Neste estudo procurou-se analisar as características psicométricas da EHS, pelo que foi calculado o total para cada um dos factores constituintes da escala original. Calculou-se também um total global que reflecte a soma de todos os 33 itens.

Análise de Sensibilidade

Começamos por testar se os seis factores da escala, bem como o total global, seguiam uma distribuição normal. O teste Kolmogorov-Smirnov (K-S) revelou que apenas o primeiro factor (K-S=1,26, $p=,085$) e o Total Global (K-S=1,00, $p=,265$) seguem a lei normal.

Ao analisar a assimetria das distribuições notamos que os Factores I, II, III, IV e VI possuem uma tendência para uma ligeira assimetria negativa, logo um ligeiro enviesamento à direita da distribuição. O factor V e o Total Global apresentam distribuições simétricas. A análise do achatamento revela que a distribuição de todos os factores, bem como do Total Global é mesocúrtica.

A Tabela 2 resume os dados relativos à análise de sensibilidade.

Tabela 2

Valores do Teste K-S, Assimetria, Curtose e estatísticas descritivas

Factor	K-S e P	Coef. Assimetria	Coef. Curtose	Média	D.P.	Mediana	Moda
Factor I	K-S=1,257, $p=,085$	-2,38	1,42	25,31	3,26	25	25
Factor II	K-S=1,996, $p=,001$	-2,77	-0,51	14,86	2,26	15	15
Factor III	K-S=1,815, $p=,003$	-3,40	1,62	12,82	2,06	13	14
Factor IV	K-S=1,699, $p=,006$	-3,15	0,06	18,24	2,90	19	19
Factor V	K-S=1,621, $p=,010$	-0,91	-1,59	15,37	2,61	15	17
Factor VI	K-S=2,130, $p=,000$	-3,61	1,94	15,06	2,30	15	16
Global	K-S=1,005, $p=,265$	-1,11	-1,03	101,81	10,62	103	104

Análise de Fidelidade

A fidelidade da escala foi determinada pelo método alpha de Cronbach. Foi calculada a consistência interna para a globalidade da escala e, posteriormente para cada um dos factores constituintes da escala.

O alpha global da escala original é de 0,88 (González, 2000). O alpha Global (para os 33 itens) da versão portuguesa foi de 0,83. Foram calculados os alphas para os seis factores segundo a estrutura factorial determinada pela autora na versão original. O alpha para o factor IV é de 0,66, sendo o mais elevado dos seis factores. O factor II tem o alpha mais baixo que se situa em 0,26. Na Tabela 3 encontram-se os alphas para cada factor.

Tabela 3

Coefficientes alpha para a escala e por factor

Factor	N.º itens	Alpha obtido	Alpha escala original
Global	33	,83	,88
Factor I	8	,62	-
Factor II	5	,26	-
Factor III	4	,60	-
Factor IV	6	,66	-
Factor V	5	,46	-
Factor VI	5	,57	-

Análise de Validade

Por último, e com o objectivo de averiguar a validade de construto da escala, submetemos os nossos dados a uma análise factorial, pelo método das componentes principais com rotação varimax. Consideramos como regra de inclusão no factor quando o item satura em pelo menos 0,50 com esse, e só esse, factor. Obtivemos 10 factores, com um valor próprio superior a um, que explicam 57,57% da variância.

Posteriormente forçamos a extracção de factores a seis de modo a comparar com a solução factorial original. Os seis factores extraídos explicam 43,19% da variância.

A solução factorial encontrada é bastante divergente da original. Os factores da versão portuguesa não remetem para os mesmos conceitos dos factores da versão original (e.g.: defesa dos direitos enquanto consumidor; auto-expressão em situações sociais, etc.), tendo inerente outra lógica. Apesar de o factor IV (da versão original) se manter quase intacto (Factor II da versão Portuguesa) havendo apenas a substituição do item 23 pelo item 6.

Na Tabela 4 são apresentadas, em contraste, as duas soluções.

Tabela 4

Comparação entre a estrutura factorial original e a obtida neste estudo

Factor	Itens (Versão Portuguesa)	Itens (Versão original)
Factor I	10, 21, 23, 26, 31 e 32	1, 2, 10, 11, 19, 20, 28 e 29
Factor II	5, 6, 14, 15, 24 e 33	3, 4, 12, 21, e 30
Factor III	8, 9 e 17	13, 22, 31 e 32
Factor IV	1, 11, 20 e 29	5, 14, 15, 23, 24 e 33
Factor V	12 e 18	6, 7, 16, 25 e 26
Factor VI	3, 7 e 16	8, 9, 17, 18 e 27

Nota. Nove itens não saturaram em qualquer factor; considerou-se um ponto de saturação de 0,50.

Na Tabela 5 apresentam-se os pesos factoriais de cada item em ambas as soluções.

Tabela 5
Pesos factoriais de cada item nas duas soluções factoriais

Item	Versão Portuguesa						Versão Original					
	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5	Factor 6
It 1			,27	,59			,52					
It 2				,31	,34		,60					
It 3						,64	,26	,33				,32
It 4					,49			,71				
It 5		,55								,57		
It 6	,27	,59				,27			,44		,42	
It 7						,63		,30			,44	
It 8			,63		,36							,64
It 9			,61	,27								,42
It 10	,60			,35			,41		,34			
It 11				,60			,57					
It 12		,32			,50			,47				
It 13	,40					,38			,55			
It 14	,36	,60								,50		
It 15		,60								,53		
It 16					,29	,59		,39			,43	
It 17			,72									,63
It 18					,56		,42					,59
It 19			,48		,39		,70					,39
It 20				,55								
It 21	,61							,36				,26
It 22	,48				,39				,66			
It 23	,52				,46					,56		
It 24		,59								,49		
It 25						,48					,67	
It 26	,51		,45								,43	
It 27			,37									,75
It 28		,29	,48				,26					
It 29				,65			,57					
It 30		,31			,35			,66				
It 31	,57	,28							,62			
It 32	,57			,27					,45			
It 33		,57	,27	,30						,48		

Análise das características psicométricas segundo e a nova estrutura factorial

Tomando em consideração a estrutura factorial encontrada com base na inclusão dos 24 itens com melhor saturação nos seis factores extraídos, foram reanalisadas as características psicométricas ao nível da sensibilidade e consistência interna (ver Tabela 6).

Tabela 6

Estatística descritiva, análise da sensibilidade e consistência interna dos factores de acordo com a estrutura factorial encontrada

Factor	N.º de Itens	K-S e P	Coef. Assimetria	Coef. Curtose	Média	D.P.	Mediana	Moda	Alpha
Factor I	6	K-S=1,948, p=.001	-3,35	0,21	18,19	3,10	19	19	,68
Factor II	6	K-S=1,917, p=.001	-4,00	1,54	18,14	3,09	19	19	,71
Factor III	3	K-S=2,431, p=.000	-5,59	2,92	9,40	1,88	10	10	,65
Factor IV	4	K-S=2,302, p=.000	-5,11	4,66	12,55	2,07	13	12	,59
Factor V	2	K-S=3,278, p=.000	-0,51	0,98	4,96	1,24	5	5	,38
Factor VI	3	K-S=2,133, p=.000	-4,47	0,65	9,35	2,04	10	11	,51
Global	24	K-S=,990, p=,280	-1,78	-0,67	72,70	8,49	73	73	,81

Ao nível da sensibilidade continuamos a não encontrar uma distribuição normal para os diferentes factores à excepção do global da escala. Todos os factores, à excepção do Factor V, apresentam uma assimetria negativa. O total dos 24 itens da escala apresenta uma distribuição simétrica. A análise dos coeficientes de curtose indica que os Factores III e IV têm uma distribuição platicúrtica, enquanto os restantes, e o Total dos 24 itens, possuem uma distribuição tendencialmente mesocúrtica.

Os níveis de consistência interna variam entre 0,38 (Factor V) e 0,71 (Factor II), sendo o Alpha para a globalidade dos 24 itens de 0,81.

Análise e discussão de resultados

Ao nível da sensibilidade a EHS, na maioria dos seus factores, demonstrou uma ligeira tendência para enviesar os resultados à direita da distribuição (i.e. tendência para dar respostas mais positivas/favoráveis).

Ao nível da fidelidade, o EHS, em termos globais, mostrou níveis de consistência interna semelhantes à versão original, mas ainda assim ligeiramente abaixo, com factores como o V, que apresenta um alpha abaixo do mínimo requerido para este tipo de escalas, que considerando a solução factorial por nós encontrada, pode ser devida ao baixo número de itens (dois).

As maiores discrepâncias com os resultados originais situam-se ao nível da validade de construto. Neste estudo encontramos uma estrutura factorial com um agrupamento de itens bastante diferente da original. Tal divergência poderá ser justificada pela natureza do construto em estudo muito dependente de factores culturais (Gismero, 1996, cit. por González, 2000). Sendo, por isso, adequado tentar identificar uma nova estrutura factorial mais adequada à população portuguesa, para as competências sociais.

Numa tentativa de interpretar a solução factorial, apresenta-se a título indicativo uma possível designação dos mesmos:

- Factor 1: Factor global de evitamento social
- Factor 2: Dizer não e cortar com interacções
- Factor 3: Timidez (Inicia interacções positivas com quem se sinta atraído/a)
- Factor 4: Medo em se expor socialmente
- Factor 5: Não interpretado
- Factor 6: Defesa dos próprios direitos enquanto consumidor

Considerações finais

Após a tradução do espanhol e conseqüente retradução, verificámos, que a EHS demonstrou qualidades psicométricas modestas. O conceito que está por detrás desta escala é muito complexo e abstracto o que torna a sua mensuração difícil e que poderá justificar as qualidades psicométricas mais baixas do que é cientificamente considerado como adequado para este tipo de escalas. Consideramos, também, que o facto de a escala de resposta de quatro pontos ser pouco habitual e possuir a maior parte dos itens (28 em 33) formulada de forma invertida pode contribuir para os resultados encontrados.

A maior limitação encontrada situa-se ao nível da validade de construto, bastante divergente da original. Em pesquisas futuras será pertinente testar com outro tipo de amostras para se tentar

identificar qual a solução factorial mais ajustada à população portuguesa, ao nível de competências de ordem social.

O facto de nove itens (e.g., itens 2, 13, 19...) não saturarem em qualquer factor pode indicar que os mesmos não possuem equivalente na população portuguesa, ou que a tradução não sofreu uma adaptação suficientemente adequada. Seria por isso pertinente reformulá-los, numa tentativa de validar a sua utilidade na escala para a avaliação das capacidades sociais.

Referências

- Gaffney, L., Thorpe, K., Young, R., Collett, R., & Occhipinti, S. (1998). Social Skills, expectancies, and drinking in Adolescents. *Addictive Behaviors, 23*(5), 587-599.
- Galassi, J., Delo, J., Galassi, M., & Bastien, S. (1974). The college self-expression scale: A measure of assertiveness. *Behavior Therapy, 5*, 165-171.
- González, E. (2000). *Escala de habilidades sociales*. TEA Ediciones.
- Mayer, J., Caruso, D., & Salovey, P. (2000). Emotional intelligence meets traditional standards for an intelligence. *Intelligence, 27*(4), 267-298.
- Phillips, L., & Zigler, E. (1961). Social competence: The action thought parameter and vicariousness in normal and pathological behaviors. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 63*, 137-146.
- Phillips, L., & Zigler, E. (1964). Role orientation, the action-thought dimension and outcome in psychiatric disorders. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 68*, 381-389.
- Zigler, E., & Phillips, L. (1960). Social effectiveness and symptomatic behaviors. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 61*, 231-238.
- Zigler, E., & Phillips, L. (1961). Social competence and outcome in psychiatric disorder. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 63*, 264-271.
- Zigler, E., & Phillips, L. (1962). Social competence and the process-reactive distinction in psychopathology. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 65*, 215-222.